

A CIDADE E O INDIVÍDUO BLASÉ NA ROMA ATUAL ATRAVÉS DA ÓTICA SIMMELIANA: UMA ANÁLISE DO FILME A GRANDE BELEZA

Valentine Carvalho Herold¹

Resumo: Os estudos do Simmel a respeito da vida nas grandes cidades, representados neste presente artigo através de sua conhecida obra *As grandes cidades e a vida do espírito* e seu pioneiro ensaio sobre Roma — ambos publicados originalmente por volta de 1900 — suscitam questionamentos e comparações sobre as metrópoles dos dias atuais e das transformações que a capital italiana passou ao longo do século. O longa-metragem *A grande beleza*, do diretor italiano Paolo Sorrentino, desperta no espectador atento às análises simmelianas um interesse diferenciado: se vê muito de Simmel nas “entrelinhas” do filme ambientado em pleno século XXI, lançado em 2013. É justamente esse elo entre a Roma e a sociedade romana retratada por Sorrentino e a obra de Simmel que este artigo se propõe a debater.

Palavras-chave: Cidade. Indivíduo Blasé. Roma Atual. Filme.

Introdução: Simmel e a sociologia urbana

Falar de sociologia urbana e da relação entre uma cidade e os indivíduos que nela habitam, circulam ou trabalham é — também e antes de tudo — falar de Georg Simmel. Um dos pioneiros nos estudos dos impactos do desenvolvimento urbano e econômico nas grandes cidades no cotidiano de seus moradores, o sociólogo alemão veio a influenciar diversos pensadores ainda em seus primeiros anos, como

¹ Mestranda em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Endereço eletrônico: valentineherold@gmail.com.

Robert Park e a própria Escola de Chicago. Desenvolvidas no início do século XX, as análises de Simmel em torno da “vida nervosa” das metrópoles se mantêm atuais mesmo com as transformações urbano-sociais sofridas ao longo desses aproximados 115 anos. Erving Goffman e Zygmund Bauman são dois intelectuais que foram influenciados pelo pensamento simmeliano e desenvolveram suas teorias acerca, respectivamente, dos tipos sociais e da interação social em público. É também na vivência cotidiana da cidade que o observador empírico e o “sociólogo de botequim” conseguem enxergar na dinâmica urbana e social o legado do pensador alemão. Esta mesma vivência pessoal e particular de cada um pode vir a ser transformada nas mais diversas expressões artísticas.

E é justamente na esfera da arte — mais precisamente da arte cinematográfica — que este artigo se propõe a explorar a atualidade dos conceitos simmelianos, a partir da análise do filme *A grande beleza* (2013), longa-metragem do italiano Paolo Sorrentino. Os textos de Simmel escolhidos para realizar esse elo são *As grandes cidades e a vida do espírito*, originalmente de 1903², e *Roma. Uma análise estética*, escrito e publicado entre 1894 e 1900.

O filme *A grande beleza* e porque analisá-lo através da ótica simmeliana

Lançando em dezembro de 2013, *A grande beleza* é um retrato da decadente alta sociedade romana e da perpétua beleza bucólica da capital italiana. Através do cotidiano do escritor Jep Gambardella — incarnado por Toni Servillo — o longa, vencedor do Oscar de Melhor Filme Estrangeiro em

² Também conhecido como *A metrópole e a vida mental*. Alguns teóricos escolhem este segundo título, como é o caso de Carlos Fortuna, autor utilizado no marco bibliográfico deste artigo com seu texto *Narrativas sobre a metrópole centenária. Simmel, Hessel e Seabrook* (2011).

2014, desvela o conflito entre as diádes do clássico/antigo e o moderno/novo na Roma atual, tanto por meio de retratos urbanos e paisagísticos da cidade quanto através do dia a dia repleto de excentricidades de uma seleta classe intelectual. Aos 65 anos, Jep ainda vive do sucesso de seu único livro, *O aparelho humano*, escrito há cerca de 40 anos, e que se tornou *best-seller*. Cercado por um pequeno grupo de amigos — dentre eles uma escritora esquerdo-caviar, um poeta silencioso, um dramaturgo frustrado, uma anã editora de revista de renome na área da cultura e uma viúva milionária —, Jep ocupa seus dias com passeios solitários por Roma, num constante exercício de *flânerie* (SEABROOK, apud FORTUNA, 2011) e autoanálise de sua trajetória de vida, relacionamentos casuais e efêmeros e saídas noturnas, a festas excêntricas regadas sempre a muito álcool. Quando confrontado com a morte de seu amor de juventude, o protagonista reúne esforços para retomar o preenchimento de um vazio que se instaurou em sua vida após conhecer a fama.

Para além de um pano de fundo do filme em que seus antigos monumentos e suas paisagens impactantes são revelados ao decorrer da trama, Roma é uma das protagonistas de *A grande beleza*. A vida mundana da cidade é revelada ao espectador sempre durante o período diurno, por meio das caminhadas de Jep. As crianças brincando nas ruas, os turistas estonteados pela beleza romana, as freiras caminhando em pequenos grupos, o romano que mata sua sede e seu calor com a água de um chafariz: todos esses indivíduos “comuns” contrastam com a agitada e deslumbrante vida da alta sociedade da qual Jep faz parte. É uma Roma ambígua e dicotômica que Sorrentino retrata ao transitar entre o universo da cidade serena, histórica, belíssima; contrastante — porém complementar —, àquela festeira, agitada, confusa e por vezes até cruel. Roma é também constantemente evocada pelas personagens do filme durante seus diálogos.

Por que, então, analisar *A grande beleza* a partir de Georg Simmel? Para além do fascínio que o sociólogo alemão tinha por Roma (e que parece ser compartilhado pelas lentes de Sorrentino), se destaca no filme o tipo social do *blasé* descrito por ele ao falar da Berlim do início do século XX. A atualidade da “vida nervosa” da cidade grande se faz presente neste fragmento de Itália retratado por Paolo Sorrentino neste começo de segunda década do século XIX. O *blasé* é incarnado por diversos personagens, inclusive o próprio protagonista, Jep Gambardella, assim como o vazio da vida moderna, anímica e intelectualística (SIMMEL, 1903) e a dominação da cultura monetária. É igualmente bastante presente em todo o filme — e que fica subentendido através dos diálogos e da própria trama — um dos grandes questionamentos de Simmel: se a metrópole moderna possui uma estética que condiciona o indivíduo em sua vida (FORTUNA, 2011). Portanto, por reunir características que remetem tanto à *Roma*. *Uma análise estética* quanto à *As grandes cidades e a vida do espírito*, surgiu a decisão de dividir a análise do filme propriamente dita em duas partes, cada uma correspondendo a um dos textos de Simmel.

Roma de Georg Simmel *versus* Roma de Paolo Sorrentino

Invenção do telefone sem fio, seguido do telefone celular e do smartphone. Surgimento da câmera fotográfica digital e ainda da câmera inserida nos telefones. Máquina de lavar roupas e louças, carro elétrico, e-books, computadores, CDs e internet. Muito mudou e se desenvolveu desde o início do século XX até os dias de hoje em todo o mundo. E muito mudou, portanto, na capital italiana, cenário do filme *A grande beleza* e de um segmento da obra de Georg Simmel, seguindo a dinâmica mundial, durante esses mais de 110 anos. Muito, será? Distanciando-se do mundo da tecnologia e das invenções que revolucionariam a vida doméstica desde 1900,

a Roma de Simmel e àquela de Paolo Sorrentino ainda tem bastante em comum. O caráter estético da cidade, englobando tanto seus monumentos quanto sua paisagem e a sociedade que a compõe, foi ressaltado por Simmel em seus escritos a respeito das cidades italianas de Veneza, Florença e Roma. É no texto *Roma. Uma análise estética* onde se encontram as semelhanças com a Roma retratada pelo cineasta italiano Sorrentino, ambos fascinados pela cidade histórica, como bem o admite o sociólogo alemão quando diz que:

No rosto urbano de Roma, essa fusão afortunadamente casual de criações funcionais do ser humano para atingir uma nova beleza involuntária parece adquirir o seu supremo fascínio. Aqui, gerações incontáveis criaram e construíram ao lado umas das outras e por cima umas das outras. [...] o conjunto [...] ganhou uma unidade tão espantosa como se uma vontade consciente tivesse reunido os seus elementos na busca da beleza (SIMMEL, 1894-1900, p. 110).

O encantamento de Paolo Sorrentino é transmitido para o espectador através da poética fotografia do longa, através da qual se conhece os históricos monumentos romanos, as verdes paisagens que compõem os arredores da cidade, as margens do rio que a atravessa e seus simétricos e bem cuidados jardins. A beleza de Roma pode até parar o fôlego do despreparado turista, como acontece nos primeiros minutos do filme, quando um visitante que se afastou de seu grupo para tirar uma foto se deixa tomar por inteiro pela paisagem romana e desmaia, ao som do canto clássico entoado por um coral feminino. A harmonia que une as distâncias entre “as épocas, os estilos, as personalidades” de Roma proclamada por Simmel se faz ainda presente, como bem revela o filme, assim como a vivacidade da dinâmica da vida urbana da cidade. Esta última é retratada pelo cineasta por meio dos passeios do personagem principal, Jep Gambardella. Sempre solitário nesse exercício de *flânerie*, o escritor permeia entre o

bucolismo da cidade durante o dia e o inusitado urbano durante a noite.

Durantes esses passeios, fica também bastante evidente a amálgama do passado com o presente em Roma, já comentado por Simmel. Ela é posta durante o longametrageo na arquitetura da cidade (o moderno prédio onde Jep mora, por exemplo, possui reconhecimento digital e fica localizado de frente para o Coliseu), nos acontecimentos artísticos (as performances de arte contemporânea que ocorrem no filme sempre acontecem em locais históricos da cidade, como é o caso da atuação da artista Talia Concept que, nua, se joga contra uma parede; ou ainda a menina prodígio que, mesmo contra sua vontade, realiza a elaboração e pintura de um quadro ao vivo em uma das muitas excêntricas festas) e também de forma mais subjetiva, através das falas dos personagens e da própria vida de Jep. Como quando, ao conversar sobre a melhora do gosto de um risoto feito na véspera com sua editora, ela lhe diz que “o velho é melhor que o novo”. Para além do arroz, a fala pode ser tida como uma analogia à própria Roma, visto que as cenas que enquadram este “velho” da cidade estão, na maioria das vezes, atreladas a momentos de calma em uma fotografia bucólica e apreciável, enquanto o “novo”, o moderno, está atrelado ao extravagante, às festas intermináveis. Para exemplificar esta última característica, é possível citar o “mutirão” de aplicação de botox por um renomado cirurgião plástico. Por apenas alguns segundos e 700 euros, os mais ricos da cidade podem usufruir o prazer da tentativa do rejuvenescimento, ajoelhados em frente ao médico, quase que em prece pelo fim de suas rugas de expressão e marcas da idade.

Essa dicotomia existente na capital italiana era, para Simmel, o que formava sua grandeza, pois

[...] esta pluralidade dos efeitos de Roma e das suas interpretações corresponde ela própria ao princípio

vital de que me parece brotar a sua singularidade estética. Poder ser sentida ainda de tantas outras maneiras e a maneira como é sentida poder ser interpretada ainda de tantas outras maneiras, ao mesmo tempo que continua, em última análise, a ser sempre *uma* Roma que é *um* foco e raios tão divergentes: é esse o auge supremo da sua grandeza estética, que distende todas as oposições até à máxima amplitude, para as conciliar na sua unidade com uma energia tanto mais dominadora. (SIMMEL, 1894-1900, p. 116)

A figura do blasé na atual sociedade romana retratada no filme

No filme, portanto, são apresentadas duas Romas; ambas através da vida de Jep Gambardella, o escritor boêmio de um único livro de sucesso. Paolo Sorrentino revela uma Roma mundana, uma cidade propriamente dita com suas ruas, casas, prédios e jardins, àquela vivida pelo espectador através dos passeios do personagem principal e semelhante à proclamada por Georg Simmel no início do século XX, onde o velho e o novo dialogam e a beleza da cidade nasce da totalidade de suas diferentes características. Mas há também a Roma desconhecida da maioria de sua população, uma Roma *VIP*³, exclusiva para um distinto grupo de romanos, do qual Jep faz parte. É no meio deste círculo que vai se encontrar a figura do *blasé* de Simmel,

[...] o tipo de habitante da cidade grande — que naturalmente é envolto em milhares de modificações individuais — cria um órgão protetor contra o desenraizamento com o qual as correntes e discrepâncias de seu meio exterior o ameaçam: ele reage não com o ânimo, mas sobretudo com o

³ Sigla da expressão inglesa "Very Important Person", que designa um grupo influente de pessoas.

entendimento, para o que a intensificação da consciência, criada pela mesma causa, propicia a prerrogativa anímica. (SIMMEL, 1903, p. 578)

Essa reação do indivíduo da metrópole gera um “deslocamento psíquico”, que surge em resposta à grande quantidade de estímulos e informações e à incapacidade de ele reagir plenamente a tudo isso (KAP, 2011), o que diminui a sensibilidade do mesmo para com os outros indivíduos da cidade. O *blasé* então não se impressiona mais com os acontecimentos diários, como é o caso de Jep e seu círculo social, que se extasiam diante da criança artista e de seus feitos (ou fingem se extasiar, em uma performance social a partir do que deve ser tido como deslumbrante baseado nos valores compartilhados àquele grupo), mas não se sentem tocados por vê-la chorando e preferindo não estar fazendo aquilo. Naquele momento, a única pessoa com sensibilidade para perceber que a menina está sofrendo à custa do divertimento de outros é Ramona, uma *outsider* do mundo de Jep. A personagem é uma dançarina de boate, filha de um antigo amigo do escritor. Aos 42 anos, Ramona leva uma vida pacata quando não está no palco, mas sofre de uma doença que a faz gastar todo seu dinheiro. Ela é apresentada à até então desconhecida e exclusiva Roma por Jep. Fica claro ao comparar Ramona com os amigos de Gambardella que o *blasé* é gerado pelos efeitos da monetarização generalizada na economia urbana (FORTUNA, 2011). Para Simmel, a cultura monetária reduzia a vida da cidade à uma mera troca financeira. “O espírito moderno tornou-se mais e mais espírito contábil”, escreveu em 1903.

Outra cena em que fica claro o contraste nas atitudes e, portanto, na análise simmeliana, os diferentes graus de valorização da vida monetária como base da felicidade no cotidiano (FREITAS, 2007), de Ramona e Jep é quando ambos estão em um restaurante e, por acaso, encontram com Andrea, filho depressivo e portador de um distúrbio psíquico, da

viúva milionária amiga do escritor, e prossegue-se o seguinte diálogo, iniciado por Jep:

— “Como vai?”

— “Mal. Proust escreveu que a morte pode chegar esta tarde. Proust me dá medo. Não amanhã, nem daqui um ano. Esta tarde.”

— “Mas já é noite, vai ficar para amanhã.”

— “E Turgenev: A morte pousou o olhar em mim, atenta.”

— “Não leve a sério esses escritores.”

— “Quem vou levar a sério se não Proust?”

— “Ninguém. Nada além do cardápio”, responde ironicamente e constrangido, querendo livrar-se de uma conversa com profundidade emocional. Durante o diálogo, Ramona pousava um olhar preocupado em Andrea. Cerca de 20 minutos depois, no desenrolar do filme, o jovem se suicida.

O *blasé* de Jep é também abordado em seu aspecto sexual, ao revelar uma atitude indiferente de Jep na cama. Sua então parceira Orietta lhe diz que “parecia que você nem se importava”.

Porém, já alertava Simmel que o caráter blasé não é totalitário e único no indivíduo da cidade grande. Ele

[...] admite que o invólucro de reserva mental e distanciação a que o indivíduo se entrega na metrópole, constituindo embora uma autodefesa, não é tão sólido como parece. Contra a sua permanente mobilização jogam as virtudes da ação interpessoal que forçam os sujeitos a uma estrutura variada de sentimentos que, ao lado da atitude blasé, do estranhamento e da aversão, encerra também simpatias e afinidades, mesmo que efêmeras e transitórias, e também um sentido de autonomia pessoal, ainda que indefinido. (FORTUNA, 2011, p. 383).

O que pode ser demonstrado pela análise do filme também a partir de atitudes do protagonista, pois o mesmo não é de todo *blasé* e tem seus vários momentos de empatia para com amigos (como quando ele consegue para seu amigo Romano, dramaturgo com dificuldades financeiras, alguns dias em um teatro para que apresente sua peça) e desconhecidos (por exemplo, a amizade que constrói rapidamente com Ramona, e a doçura com que trata o viúvo de seu amor de juventude).

Para além da figura do blasé, surge da problematização da metrópole de Georg Simmel uma postura metodológica por meio da qual ele procurou entender a cidade como local onde surge uma nova forma de entender a sociedade (FREITAS, 2007). Através de um olhar apurado, analisando as interações dos indivíduos entre si e com os espaços da própria cidade, o sociólogo alemão se distanciou de uma avaliação meramente dicotômica do sujeito com a sociedade que o integra. Assim também aparenta, ao longo do filme, ter sido um dos objetivos de Sorrentino: realizar uma análise da Roma contemporânea através das relações sociais — com enfoque na alta classe intelectual — e na relação dos mesmos indivíduos que compõe essa classe com a cidade. Como dito anteriormente, Roma é muito mais do que o local onde se passa o enredo, ela é uma das protagonistas da história. A influência que ela exerce nos seus habitantes é inegável e bastante ressaltado pelo cineasta nas falas dos personagens. “Sempre acontece alguma coisa em Roma”; “as melhores pessoas de Roma são os turistas”, “Roma faz você perder tempo, desconcentra”; “Roma decaiu muito”; e “Roma me decepcionou” são alguns dos trechos em que a cidade é colocada em destaque na vida dos sujeitos que nela moram, demonstrando assim uma atitude de crítica em relação à Roma, mas também de entrega quase total à mesma de suas esperanças e planos de vida. A capital italiana aparece como um símbolo de realização dos sonhos, cujo caráter profético não

se concretizou. Resta à imaginação sociológica tentar supor o que Simmel teria avaliado de Roma se por lá tivesse passado anos morando ou ainda se pudesse comparar a cidade mágica e encantadora que ele avaliou entre o fim do século XIX e início do século XX e a Roma atual, retratada com poesia, mas também criticada por Paolo Sorrentino em *A grande beleza*.

Referências

FORTUNA, Carlos. *Narrativas sobre a metrópole centenária: Simmel, Hessel e Seabrock*. Cad. Metrop., São Paulo, v. 13, n. 26, p. 379-393, jul/dez 2011.

FREITAS, Ricardo. *Simmel e a cidade moderna: uma contribuição aos estudos da comunicação e do consumo*. Comunicação, mídia e consumo, São Paulo, v. 4, n. 10, p. 41-53, jul 2007.

KAPP, Silke. *De Simmel ao cotidiano na metrópole urbana*. Cad. Metrop., São Paulo, v. 13, n. 26, p. 439-450, jul/dez 2011.

SIMMEL, Georg. *As grandes cidades e a vida do espírito*. 1903.

SIMMEL, Georg. *Roma. Uma análise estética*. 1894-1900.

[Recebido: 08 de ago de 2016 — aceito: 18 de nov de 2016]